



## **DE *OUTSIDER* À ESTABELECIDA: PROCESSO DE ACESSO, PERMANÊNCIA E CONCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR DE UMA JOVEM UNIVERSITÁRIA COM EXPERIÊNCIA DE TRABALHO INFANTIL NO CAMPO**

Andrea Abreu Astigarraga  
Universidade Estadual Vale do Acaraú  
aas.tigarraga@hotmail.com

Maria da Conceição Passeggi  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
cpasseggi@digizap.com.br

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é tematizar os processos de acesso, permanência e conclusão de curso superior, mediante um estudo de caso que toma como referência a trajetória de uma jovem egressa de um curso seletivo (Enfermagem) de uma instituição pública (Universidade Estadual Vale do Acaraú) e que na infância vivenciou o trabalho infantil no campo. A perspectiva adotada é a da pesquisa (auto)biográfica e o método utilizado para a recolha e a análise das fontes autobiográficas foi o da entrevista narrativa, concebido por Shütze (1983). Para a análise dos processos estudados recorreremos às noções de *outsiders* e estabelecido propostas por Elias & Scotson (2000). O estudo sugere a importância do núcleo familiar no processo de acesso ao ensino superior, analisa as estratégias de enfrentamento e de superação que garantiram a permanência no curso e o processo de inserção profissional e sinaliza, finalmente, como se anuncia o reconhecimento de si pelo outro diante das conquistas alcançadas. Estima-se que uma trajetória de vida sugere pistas de investigação pertinentes para se conhecer melhor os conflitos e modos de superação dos processos de inclusão/exclusão, suscetíveis de subsidiar políticas públicas internas às instituições de ensino que priorizam a inclusão de alunos de baixa renda no ensino superior.

**Palavras-Chave:** Ensino Superior - Acesso – Permanência – Estabelecidos - *Outsiders* –

**De *Outsider* à Estabelecida**

Mesmo que se verifique algum avanço com relação à inclusão de filhos de trabalhadores de baixa renda nas universidades públicas brasileiras, principalmente em

cursos considerados de fácil acesso (as licenciaturas, por exemplo), na universidade investigada, verifica-se que pouco avançou, principalmente nos cursos considerados seletivos, de carreiras tradicionais, tornando difícil o ingresso, a permanência e a conclusão por alunos egressos de escolas públicas. Isso nos levou a investigar a trajetória de uma aluna que desafiou a hierarquia não escrita na história do ensino superior, principalmente na região Norte do Estado do Ceará.

Uma das principais metas das políticas educacionais no Brasil é a da ampliação do ingresso das classes sociais menos favorecidas no ensino superior. Essas políticas de ampliação e interiorização do ensino superior, assim como as das ações afirmativas, estimularam o acesso de diferentes grupos sociais, tanto docentes como discentes, à universidade, gerando uma atmosfera de multiplicidade relacional destes grupos.

A crise de legitimidade da universidade pode ser definida pelo questionamento da sociedade em relação ao seu caráter democrático. A universidade que surgiu com a intenção de formar uma elite, hoje se depara com a necessidade de criar alternativas que possa responder as exigências dos grupos sociais excluídos.

A questão da democratização da educação pública, embora não seja nova, encontra-se muito distante de ser equacionada. Apesar de estar colocada como uma demanda crescente na constituição da esfera pública nacional desde os primórdios do século XX, só no período pós-Segunda Guerra Mundial é que sua defesa assumirá um caráter mais combativo (OLIVEIRA, 2000, p.91).

Durante muitos anos, acreditou-se que, para se cursar uma universidade de qualidade, era preciso ingressar em uma instituição pública e, para tanto, seria necessário se preparar em escolas privadas, únicas capazes de oferecer uma educação básica com qualidade compatível. O que seria explicado pelo fato de que quem cursava escola básica particular tinha seu acesso garantido na universidade pública, já aqueles que só tinham condições de realizar seus estudos na rede pública estavam condenados ao ensino superior privado, com sua extensa estratificação (OLIVEIRA, Idem, p.102).

A Constituição de 1988 traz aspectos significativos para a educação superior. Por exemplo, o Art. 208, inciso V, que trata do dever do Estado para com a educação. Esse inciso afirma que o dever do Estado será efetivado mediante a garantia de “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um”. Parece evidente que a concepção predominante aqui é a dos dons e aptidões naturais, de inspiração liberal (BISSERET, 1979, apud CATANI & OLIVEIRA, 2002, p.79). Nesse caso, só chegariam aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística os sujeitos dotados de faculdade e inteligência superiores (Idem, ibidem).

Para o filho do pobre, a *passagem* do mundo escolar de nível médio para o mundo universitário é complexa e afeta sobremaneira a subjetividade desses sujeitos (PORTES, 2006, p. 222). Desde que foi instituído, em 1808, o ensino superior no Brasil, ele constituiu-se quase um monopólio das classes dominantes econômica e politicamente tornando-se importante capital de distinção social. Somente com a reforma de 1968, com a instituição de universidades em todas as unidades da federação e o aumento do número matrículas, outras classes sociais puderam vislumbrar possibilidades de acesso a esse nível educacional.

No entanto, a desigualdade das condições de acesso ao ensino superior entre os diferentes grupos sociais é destacada pela Declaração Mundial sobre Educação Superior no século XXI, aprovada pela Organização das Nações Unidas, em 1998, como um dos grandes desafios e dificuldades a serem superados pelos sistemas de ensino “em todos os lugares”.

O Censo da Educação Superior 2008 revelou aspectos importantes da atual

situação da educação superior brasileira, como o crescimento da entrada de estudantes. Em 2008, 1.936.078 novos alunos ingressaram no ensino superior, 8,5% a mais em relação a 2007. No total, o número de matrículas em 2008 foi 10,6% maior em relação a 2007, com um total de 5.808.017 alunos matriculados em cursos de graduação presencial e a distância.

Os dados de matrícula apontados pelo Censo se aproximam dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a PNAD 2008, 5.932.244 pessoas frequentaram cursos de graduação no Brasil. A diferença de 124.227 alunos entre os resultados das duas pesquisas pode ser atribuída à utilização de distintas metodologias e em razão do Censo da Educação Superior não incluir matrículas em cursos sequenciais de formação específica no total de matrículas citado.

Nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), houve um incremento de 21.513 novas vagas na graduação presencial e a distância, ou 12,2% em relação a 2007. Como consequência, a quantidade de candidatos por vaga diminuiu nessas instituições. O Censo 2008 revelou um aumento de 10,1% no número das matrículas em graduação presencial vinculado a instituições federais (IFES) em cidades do interior.

Uma das primeiras medidas do atual Governo Federal para democratizar o ingresso de estudantes de classes sociais menos favorecidas à Educação Superior foi a implantação do Programa Universidade para Todos (PROUNI) – Lei n.11.096, de 13 de janeiro de 2005 – que prevê a concessão de bolsas – integrais ou parciais – de estudo em instituições privadas de Educação Superior e amplia o número de vagas nesse nível de ensino.

Outra medida governamental recente foi a instituição do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Ele é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). A expansão da educação superior com o REUNI tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Para tal, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. As ações do programa contemplam o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas que têm o propósito de diminuir as desigualdades sociais no país.

Contrariamente às universidades federais, a universidade estadual pesquisada, não aderiu nem ao PROUNI, nem ao REUNI, nem ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), nem às cotas sociais e étnicas. Sendo instituição pública em âmbito estadual, não está inclusa nestas atuais políticas de ingresso e permanência de estudantes de classes sociais menos favorecidos à Educação Superior.

A universidade investigada considera como processo de inclusão, uma cota de 10% de vagas no vestibular reservadas aos portadores de necessidades especiais, o Programa de Bolsa Universitária (PBU), semelhante à bolsa de iniciação científica. Não possui políticas internas de inclusão social, nem assistência estudantil, tais como, residência e restaurante universitários. Portanto, o vestibular é o mecanismo predominante ao ingresso de estudantes, independente da classe social, etnia ou gênero.

### **Estabelecidos e *Outsiders***

As palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um

grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma *boa sociedade*, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *establisheds* fundam o seu poder no fato de ser um modelo moral para os outros. A identidade social destes últimos é a de um grupo. Eles possuem um substantivo abstrato que os define como um coletivo: são o *establishment*. Os ingleses utilizam os termos *establishment* e *established* para designar a *minoria dos melhores* nos mundos sociais mais diversos: os guardiões do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, das boas maneiras cortesãs, dos distintos hábitos burgueses, a comunidade de membros de um clube social ou desportivo. O termo *establishment* é uma palavra rigorosamente intraduzível, pois descreve uma forma *tipicamente inglesa* de conceituar as relações de poder, de um modo abstrato ou puro, independente dos vários contextos concretos nos quais essas relações podem se realizar.

Na língua inglesa, esses termos se opõem a *outsiders*, os não membros da *boa sociedade*, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*. Os *outsiders* existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social.

Os habitantes de Winston Parva, povoado industrial no qual Elias e Scotson (2000) realizaram a pesquisa que serve de base para as categorias propostas, também descreviam a diferença e a desigualdade social como relações entre estabelecidos e *outsiders*. Ainda que, segundo os indicadores sociológicos correntes (como renda, educação ou tipo de ocupação), Winston Parva fosse uma comunidade relativamente homogênea, não era essa a percepção daqueles que ali moravam. Para eles, o povoado estava claramente dividido entre um grupo que se percebia, e que era reconhecido, como o *establishment* local e outro conjunto de indivíduos e famílias *outsiders*. Os primeiros fundavam a sua distinção e o seu poder em um princípio de antiguidade: moravam em Winston Parva muito antes do que os outros, encarnando os valores da tradição e da boa sociedade. Os outros viviam estigmatizados por todos, com atributos associados à anomia, à delinquência, à violência e à desintegração.

Como explicam Elias e Scotson (2000), no importante ensaio teórico que abre o livro, Winston Parva se transformou, aos olhos dos pesquisadores, em um verdadeiro laboratório para a análise sociológica, revelando as propriedades gerais de toda relação de poder. As categorias - estabelecidos e *outsiders* - se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos - *outsiders* ilumina exemplarmente: as relações de poder.

A força da sociologia de Elias e Scotson (2000) consiste em mostrar de modo empiricamente consistente o conteúdo universal dessa forma singular de relações de poder - em descobrir, como diriam os antropólogos, a contribuição inglesa, e de Winston Parva, para uma teoria geral das relações de poder. Todos os grupos humanos tendem a estabelecer uma atitude de *desvalorização* com relação a outros grupos em menor ou em maior grau. São modelos relacionais de contraposição. As relações entre estabelecidos e *outsiders* se pautam no fato de um grupo sempre buscar excluir o outro das chances de poder e *status*, conseguindo monopolizar essas chances. A exclusão pode variar de modo e grau, pode ser total ou parcial, mais forte ou mais fraca. Também pode ser recíproca. Na opinião dos autores, existem graus distintos de tolerância e intolerância entre os grupos de estabelecidos e *outsiders*, geralmente os setores mais inseguros (com relação ao seu valor) do grupo estabelecido tendem a mais

aguda hostilidade na estigmatização dos grupos *outsiders*. São estes que lutariam para garantir a estabilidade da fronteira entre os dois grupos.

A sociodinâmica da estigmatização, ou seja, as condições em que um grupo consegue lançar um estigma sobre o outro, merece atenção no contexto universitário. É comum não se distinguir a estigmatização grupal e o preconceito individual e não relacioná-los entre si. A estigmatização deve ser encontrada ao se considerar a figuração formada pelos grupos implicados, ou seja, a natureza de sua interdependência. A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Esta também é a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo estabelecido.

Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Ergue-se uma barreira emocional entre os dois grupos. Há um preço a pagar pela posição ocupada. A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo: a rígida lógica dos afetos. O contato com os *outsiders* ameaça o “inserido” de ter seu status rebaixado dentro do grupo estabelecido. A pobreza, a cor da pele, etc., exercem “função objetificadora” de estigmatização.

Quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, os *outsiders* vivenciam efetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana. Tão logo diminuem as disparidades de força, ou seja, a desigualdade do equilíbrio de poder, os grupos *outsiders* tendem a retaliar. Quando os *outsiders* começam a ser insultuosos é sinal de que a relação de forças está mudando. A principal privação sofrida pelo grupo *outsider* não é a privação material. Que nome devemos dar? Privação de valor? De sentido? De amor-próprio e auto-respeito?

Uma vez evidenciado o problema da distribuição das chances de poder que está no cerne das tensões e conflitos entre estabelecidos e *outsiders*, torna-se mais fácil descobrir um problema subjacente, que costuma passar despercebido. Os grupos ligados entre si sob a forma de uma configuração de estabelecidos-*outsiders* são compostos por seres humanos individuais. O problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes ao mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles”.

Elias e Scotson (2000) afirmam que ainda é essencialmente obscura a complexa polifonia do movimento de ascensão e declínio dos grupos ao longo do tempo, a dialética da opressão e da contra-opressão dos ideais de grandeza de um grupo estabelecido, esvaziadas pelos ideais dos *outsiders* que ascendem à posição de um novo estabelecido.

### **Abordagem (auto)biográfica: olhares cruzados do sujeito e do pesquisador**

Inspirados nos trabalhos que se ocupam com as trajetórias e as estratégias dos sujeitos provenientes das camadas populares, em meados dos anos 1990, é que alguns olhares se voltaram para universitários pobres enquanto sujeitos de estudo (PORTES, 2006).

O pesquisador pode optar em desviar das questões macroestruturais para mergulhar no interior da universidade à procura de compreender, descrever e analisar a trajetória pessoal e escolar dos sujeitos e privilegiar suas ações. Mas para a pesquisa (auto)biográfica, adota-se a perspectiva que tem o indivíduo sobre a realidade social, seu próprio olhar sobre o contexto em que

está inserido, e que, dialeticamente, relaciona com suas interações interpessoais.

Além de enfatizar a importância de pesquisas voltadas para a reconstrução da perspectiva do indivíduo sobre a realidade social em que ele vive e que também é construída e modificada por ele, Schütze (1983) contribuiu significativamente para a retomada e re-significação da pesquisa biográfica nas ciências sociais e em educação, direcionando a análise para as estruturas processuais dos cursos de vida, ou seja, para os elementos centrais que *moldam* as biografias e que são relevantes para a compreensão das posições e papéis ocupados pelos indivíduos na estrutura social. De acordo com o autor:

[...] é importante perguntar-se pelas estruturas processuais dos cursos da vida individuais, partindo do pressuposto que existem formas elementares, que em princípio (mesmo apresentando somente alguns vestígios), podem ser encontradas em muitas biografias. Além disso, existem combinações sistemáticas dessas estruturas processuais elementares, que, enquanto tipos de destinos pessoais de vida possuem relevância social (SCHÜTZE, 1983 apud Weller, 2008, p.04).

A análise de narrativas está diretamente associada a um tipo específico de entrevista, também desenvolvido por Schütze, denominado *entrevista narrativa* (WELLER, Idem, Ibidem). A entrevista narrativa não foi criada com o intuito de reconstruir a história de vida do informante em sua especificidade, mas de compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia (WELLER, Idem, p.06).

Utilizamos a proposta de Schütze, descrita por Bauer e Jovchelovitch (2003, p.106). A proposta original se desenvolve em seis passos: primeiro: transcrição detalhada do material verbal; segundo: divisão do texto em material indexado e não indexado; terceiro: utilização do material indexado para analisar e ordenar os acontecimentos para cada narrativa e construir a “trajetória” do sujeito; quarto: transformação do material não-indexado em “análise do conhecimento”; quinto: agrupamento e comparação entre as trajetórias individuais; e sexto: identificação de trajetórias coletivas.

Para realizar um estudo de caso com a entrevista narrativa de Maria, seguimos a proposta de Schütze até o quarto passo. Primeiro, uma das autoras realizou pessoalmente a gravação e transcrição da entrevista. Posteriormente, no segundo passo, dividimos o texto em material indexado e não-indexado. Bauer e Jovchelovitch (2003, p.106), lembram que o material indexado são as referências concretas a “quem fez o que, quando, onde e por quê”. O material não-indexado (proposições descritivas e argumentativas) “vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada “sabedoria de vida” (ibidem). As proposições descritivas se referem a como os acontecimentos são sentidos e experienciados, aos valores e opiniões ligados a eles, e às coisas usuais e corriqueiras. As argumentativas se referem à legitimação do que não é aceito pacificamente na história e as reflexões em termos de teorias e conceitos gerais sobre os acontecimentos. Essa etapa da análise tem como objetivo principal a identificação das diferentes estruturas processuais no curso da vida, tais como: “etapas da vida arraigadas institucionalmente; situações culminantes; entrelaçamento de eventos sofridos; pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; assim como desenvolvimentos de ações biográficas planejadas e realizadas” (SCHÜTZE, 1983, apud WELLER, s/d, p.07).

No terceiro passo, construímos a trajetória pessoal de Maria com o material indexado. Por fim, no quarto passo, com o material não-indexado, construímos a “análise do conhecimento”.

## **Uma trajetória de mobilidade social**

Mariana tem 26 anos, nasceu em um sítio distante treze quilômetros do distrito de São Benedito, na região norte do Estado do Ceará. O pai é agricultor e a mãe é dona de casa. Ela é a quinta filha, entre oito irmãos, sendo os quatro primeiros, filhos homens. Desde os sete-ouros anos de idade ela ajudava o pai e os irmãos no trabalho da roça, principalmente, no período de colheita. Os irmãos homens trabalhavam todos os dias. No período de plantação, o pai levava todos os filhos. Ela conta que o pai era exigente na disciplina, eles trabalhavam sério. Ela lembra que desde criança ela e os irmãos assumiram a responsabilidade do trabalho estimulados pelo pai que sempre lhes dizia: “Vocês vão ter que estudar! A única opção de vocês é estudar, não tem pra onde correr, eu não posso dar nada para vocês”. Seu pai, semelhante a centenas de sertanejos da região do semi-árido, viajava para região Sudeste, geralmente no segundo semestre do ano, devido ao estio, momento em que não tinham condições para plantação. Por vezes, ele ausentava-se por um ou dois anos. Neste ínterim, quem cuidava da roça eram seus irmãos mais velhos e sua mãe. Maria lembra que essas viagens do pai duraram até ela completar quatorze anos.

A trajetória de vida escolar da entrevistada foi muito difícil. Segundo ela, “era uma incerteza, todos os dias”. Ela e os irmãos acordavam cinco e meia da manhã para chegar à escola às sete horas. Muitas vezes, não se alimentavam, merendavam na escola. Como não tinha transporte do sítio onde eles moravam à escola, eles caminhavam uns dois km até a BR e lá eles esperavam carona. Essa era a rotina. O problema de todos os dias era conseguir a carona para a escola. Voltar para casa era ainda mais difícil, pois, ou faziam a pé, treze km, ou ficavam esperando carona e chegavam à sua casa no final. Essa rotina sofrida melhorou depois de cinco anos, quando o prefeito disponibilizou um meio de transporte para fazer a ligação entre a cidade e o.

A mãe e o pai de Maria foram muito significativos em sua vida, inclusive no seu processo de escolarização. Seu pai era muito exigente com os estudos dos filhos. Sua mãe estudou até a sexta série. Era ela quem ajudava os filhos nas dificuldades para realizar as tarefas escolares. Maria destaca o companheirismo do seu João que também era seu colega na sala de aula. Entre os dois, havia a troca de conhecimentos e ajuda mútua. Ele a ajudava em Matemática e ela o ajudava em Língua Portuguesa.

O irmão mais velho, José, teve também forte influência em sua trajetória pessoal e escolar. Ele foi o primeiro a migrar para o distrito de Sobral e o primeiro a ingressar na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), onde cursou Matemática. Envolvido nas atividades da universidade, como estudante de matemática e estagiário, ele telefonava todas as semanas para os irmãos, o exigia dele que enviasse um aviso pela rádio, e de seus irmãos que eles se deslocassem para um sítio próximo, onde esperavam a ligação em um telefone público.

Quando José foi estudar na UVA, Maria e João - faziam o primeiro ano do Ensino Médio. O apoio do irmão mais velho foi decisivo para a aprovação dos dois no vestibular. Ela entrou no curso de Enfermagem, em 2004.1, e terminou em 2008.1.

Maria rememora em sua narrativa a angústia de não ter o valor para pagar a matrícula dentro do prazo para não perder a vaga duramente conquistada. Mais uma vez, o irmão mais velho providenciou para que eles iniciassem naquele ano suas vidas acadêmicas. Logo no início do curso ao se dar conta que o curso de enfermagem exigia tempo integral, Maria se depara com o primeiro obstáculo: a dificuldade de não poder estudar e trabalhar ao mesmo tempo para assegurar a subsistência pessoal e a de seus

irmãos. Porém, como seus irmãos estudavam em apenas um turno, eles assumiram a responsabilidade de cobrir as despesas da irmã para que ela pudesse estudar em período integral.

A sociabilidade com os colegas de turma foi pendular. No início do curso, ela conta que era muito tímida, ficava na faculdade mais para estudar, não interagia com os colegas, sentia-se isolada. Expressa em seus relatos que sofreu preconceitos tanto por parte dos colegas quanto por parte dos professores. Esses preconceitos teriam origem em sua condição sócio-econômica: filha de agricultores com pouca escolarização e egressa da escola pública. No final do curso, essa vivência de exclusão se transformou e, ela passou do *status* de *outsider* para o de estabelecida.

Sua trajetória na universidade foi igualmente pendular. O estigma a acompanhou o percurso inteiro. No entanto, seu aproveitamento acadêmico, sua experiência como bolsista de iniciação científica, mas, principalmente, sua personalidade e seu repertório de valores morais apreendidos no seio familiar, foram decisivos na mudança de seu *status*. Ela conta que, no quinto período, em uma disciplina muito difícil, ela conseguiu ser aprovada, quando a metade de sua turma, com quarenta alunos, foi reprovada.

Outro fato que lembra como importante para sua formação e experiência acadêmica, foi o de ter sido bolsista de iniciação científica. Durante dois anos, participou de um  $\Theta$  projeto de pesquisa ~~era~~ sobre o papel do Comitê de Ética na universidade, o que lhe permitiu estudar mais, ter a oportunidade de apresentar trabalhos em eventos científicos, motivada pela pesquisa onde estava inserida e pelo incentivo recebido de sua orientadora. Depois de concluir o curso de Enfermagem, foi aprovada em um teste de seleção Santa Casa. Atualmente, trabalha na maternidade do hospital. Em seu ambiente de trabalho relacionou-se com uma professora do curso de Enfermagem que sempre lhe pedia para dar aula em sua turma. Essa experiência foi importante para ser contratada como professora colaboradora no curso de Enfermagem da UVA.

### **O processo de acesso ao Ensino Superior: a solidariedade familiar**

Ao descrever e explicar sua constelação familiar, Maria dá ênfase à importância do pai em sua trajetória como uma referência significativamente forte em sua vida. O pai acompanhava o trabalho diário dos filhos na roça. Em várias situações, aproveitava para “dar uma lição”. Quando lhe perguntei sobre sua mãe, a emoção aflorou e interrompemos a gravação para ela chorar. Depois, mais calma, expressou que a mãe é uma pessoa calma e doce que sempre cuidou dos filhos.

Verificamos em sua descrição, os valores recebidos da família. Na visão pragmática do pai, para sair do contexto da roça e mudar de vida, seus filhos tinham que estudar: “Eu trabalho sozinho e vocês vão para a escola”. Segundo Mariana, “Ele cobrava, ele ensinava e depois ele pedia [...]: “Faça isso”. Quando erravam, ele brigava e dizia: “De novo” e continuavam até que conseguiam fazer o que o pai lhes pedia. O processo formativo recebido do pai incluía: dedicação, disciplina, idéia de processo, concepção cooperativa sobre os estudos. Ficou a lição: os irmãos não competem, se ajudam.

Um aspecto da formação recebida do pai e que marcou seu modo de agir foi ter aprendido que tinha que respeitar o outro, que não deveria discutir com as pessoas: “Não bata de frente com ninguém”, dizia sempre o pai. Essa postura que a acompanhou até a universidade, entra em choque com a cultura acadêmica, onde ouvia conselhos para “ter



mais posição”. Ela admite seu dilema para adotar uma postura diferente e justifica que não consegue “se impor” devido à forma como foi criada. No entanto reconhece a necessidade de mudar e afirma que vai tentando superar a educação que recebeu do pai. Essa postura crítica diante da educação recebida a ajudará a enfrentar na universidade, os preconceitos e discriminação sofridos pela atitude de colegas de curso.

Verificamos que Maria se percebe como alguém que herdou, por um lado, o caráter forte e decidido do pai, que a impulsiona para seguir em frente na vida e migrar da experiência de trabalho na infância para o status de professora na universidade. Por outro lado, a emoção ao falar da mulher “silenciosa” que ficava na retaguarda das decisões do pai, sugere que ela herdou da mãe a doçura e a calma.

Essas influências complementares foram decisivas para sua formação. Quando dizia para a mãe que não queria ficar em Sobral, alegando que não gostava de lá e que queria voltar para casa, a mãe aquiescia ao seu desejo: “Volte minha filha”. O pai, ao contrário, a estimulava a ficar: “Você vai ficar aí, aí é seu lugar, a vida é assim, vai ser muito mais difícil depois. Isso é só o começo!”.

Além da influência dos pais, Maria também teve o apoio do irmão mais velho, que se tornou uma pessoa significativa em sua formação. O fato de o irmão ter ido para Sobral e ter conseguido entrar na universidade foi decisivo para o processo de migração dos outros irmãos do campo para a cidade. Assim como o pai rompeu com a cultura local ao enviar os filhos para a escola, assim também o irmão mais velho não mediu esforços para romper com a cultura do campo e ingressar no Ensino Superior. Então, verifica-se que o estudo foi prioridade na família e que a ajuda mútua foi um fator importante para o processo de mobilidade social. O reconhecimento do papel desempenhado pelo irmão em sua vida se faz sentir quando ela lembra do momento em que irmão mais velho lhe disse: “Você vai fazer um dos vestibulares mais difíceis da UVA”. Nesse momento, manifestou-se nela a falta de confiança em si pela dúvida de ser ou não ser aprovada: “Então, eu não vou passar!”. A auto-confiança que seu irmão lhe transmite é o que lhe faz acreditar que é possível ser aprovada no primeiro vestibular. E foi isso que aconteceu posteriormente. Maria inicia seus estudos com o apoio da família, principalmente, o de seus pais e o de seu irmão mais velho, que vão lhe acompanhar na construção de um sonho.

Na trajetória de Maria no estudo foi prioridade. Igualmente, a ajuda mútua, solidária entre os membros da família marcaram sua trajetória. O percurso do irmão mais velho foi importante para que ele pudesse compartilhar experiências vividas com os irmãos mais novos. Portanto, verifica-se que estes dois fatores foram imprescindíveis para a mobilidade social de Maria que vivenciou o trabalho infantil no campo e conseguiu ter o acesso ao Ensino Superior.

### **O processo de permanência no Ensino Superior: o enfrentamento de preconceito e discriminação**

Depois da comemoração da aprovação no vestibular, da visita ao Campus para conhecer o local onde estudaria, Mariana enfrentou vários obstáculos. O primeiro deles, como já dissemos, foi o pagamento de sua matrícula e a do seu irmão na universidade (à época, em torno de cem reais). Posteriormente, descobriu que o curso de Enfermagem funcionava em tempo integral e que teria dificuldades para conciliar estudo e trabalho-para garantir o sustento dos pais. Ela conta o seu desespero ao saber que os irmãos iriam assumir as despesas da casa. “Eu aceitei o desafio e disse tá bom eu vou só estudar”

[...].Ela conta que passava o dia inteiro na faculdade, mas que foram momentos difíceis para todos: “se a gente não sentasse, se reunisse, a gente chorava muito, às vezes, meu pai tinha que vir aqui em Sobral e todo mundo junto buscava uma solução”. Esse sentimento sinaliza o traço de solidariedade presente em sua narrativa.

Nos primeiros dias de aula, a interação difícil com os colegas, Mariana chega à conclusão que o curso de Enfermagem era um curso elitizado: “Quando eu cheguei na Enfermagem eu me senti, por incrível que pareça, invadindo o espaço do outro, que o espaço não era meu: O que eu estou fazendo aqui, meu Deus? Foi assim que eu me senti. Mas, depois pensei: é um espaço que é meu! Que eu conquistei! Mas, mesmo assim, pela pressão da sociedade, das pessoas, você acaba sentindo isso”.

Maria expressa o sentimento de exclusão quando afirma: “Eu sempre fui isolada. Mas, eu pensava: “Eu tenho que superar isso a cada dia, eu tenho que mudar, eu tinha que existir aí”. Atribui a exclusão sofrida na universidade à sua origem sócio-econômica: “Na minha turma, eu era a única que era assim, do interior, que tinha estudado em escola pública e eles sabiam, as pessoas sabem, elas se comunicam. Quando você faz parte de um mundo elitizado, eles te querem como amiga, mas quando você não faz parte deste mundo, você é isolada”. O processo de discriminação acompanha aquele da exclusão social: “Eles diziam que tinham emprego garantido, meu pai é vereador, meu pai é prefeito. Você tem alguém que é político na sua família? Eu dizia: “Eu não tenho, não conheço ninguém que é político.” O preconceito vivido por Maria era explícito nas atividades em sala de aula. Ela narra que: “às vezes as pessoas não queriam formar grupo comigo na sala de aula, eles não queriam que eu participasse das equipes porque eles conheciam a minha história e também eu não era a primeira da turma, eu tinha as minhas limitações, é um curso de um nível (de estudo) muito alto, eu tive que “ralar” bastante para acompanhar, e por isso a gente acabava sendo excluído pelos outros colegas e também tinha aquelas histórias de... eles saíam muito pra balada, e eu não gostava porque eu tinha um foco, eu tinha que estudar”.

No entanto, ela nunca foi totalmente passiva nessas situações. A personalidade forte do pai lhe ensinou a não bater de frente com ninguém, ao mesmo tempo lhe impulsionou a ter confiança em si mesma. Ela conta que no terceiro período, ela estava dividindo as equipes para fazer um trabalho, e que o critério era a ordem alfabética. Nesse caso, mesmo contra a vontade dos colegas ela ficaria em alguma equipe. E quando eles decidem dividir o assunto, um colega disse: “Dá a parte mais fácil pra ela não prejudicar a equipe”. E aí ela conta que respirou fundo e respondeu: “Não. Eu vou ficar igual aos outros. E eu não aceito que seja dividido assim. Vamos sortear”. E ela lembra com satisfação que foi a única pessoa da equipe que conseguiu tirar dez na apresentação. Esse momento é percebido por Maria como um momento de transformação das relações entre eles: “Aí já teve uma mudança”.

Outro momento significativo que nos ajuda a compreender a trajetória de Maria é quando ela se refere ao seu êxito na disciplina de Patologia, enquanto a metade dos alunos foi reprovada. Nessa situação, ela não expressa satisfação egoísta de ter adiantado o curso em relação aos colegas. Aqui, percebemos a solidez da formação recebida e a influência de uma educação baseada na cooperação e não na competição

Mas o preconceito sofrido não foi apenas por parte dos colegas. Alguns professores também a discriminavam e tinham um discurso contraditório. Segundo Maria: “Às vezes, tinha professores que diziam que a Enfermagem não era pra todo mundo, não era pra aluno de escola pública porque o curso tem um nível alto porque pra lidar com vida tinha que ser uma pessoa muito preparada. Outras vezes, eles diziam que era pra todo mundo, mas, na verdade o curso não era. Eles diziam que tinham as pessoas certas para o curso”.

No quinto período, através da relação com uma das professoras do curso, na experiência de bolsista de iniciação científica, inicia uma mudança significativa em sua vida acadêmica. Ai encontra-se uma das funções sociais da universidade: a inclusão através da pesquisa. Na relação com a orientadora, ela fortalece sua formação acadêmica porque as exigências da orientadora lhe fazem estudar mais. Essa experiência frutifica em artigos escritos, apresentação de trabalhos, etc. Outro fator de mudança foi “Aprender a dizer sua palavra”: Ela conta que: “a professora era muito rígida, ela me cobrava muito, e isso foi muito bom pra mim, porque ela sempre falava assim: “Maria, eu falo com você e você só escuta, tem que falar, responda também. Você está certa mas, fale eu quero saber a sua opinião.” Nesses momentos, ela voltava no tempo e lembrava que seu meu pai dizia que era só pra escutar.

Mas, até esse momento, seus colegas a viam como uma “estranha no ninho”, alguém fora do lugar. E comentavam preconceituosamente: “Mas por que a Maria é bolsista, afinal a professora orientadora dela é muito exigente”. É a idéia de que ser bolsista de iniciação científica é um espaço reservado a poucos, aos grupos elitizados, dos quais Maria não fazia parte até então. Paradoxalmente, essa experiência provocou a mudança da relação dos colegas com ela: “ai eles começaram a se aproximar de mim porque eu ajudava a fazer os trabalhos, os colegas não gostavam disso, eles não sabiam fazer, e eu sabia e gostava de fazer e ai eles começaram a se aproximar”. Os mesmos colegas que contavam vantagem em ter políticos importantes em sua família para obter emprego depois da formatura, parece que não tinham motivos para estudar com afinco.

Segundo Josso (2004), momentos-charneira são momentos transformadores na história de vida de uma pessoa. São aqueles que rompem com o ciclo vivido até então e não permitem que voltemos atrás, pois marcam uma ruptura ao mesmo tempo em que provocam uma transformação na vida. Durante seu período de permanência no curso seletivo, Maria vive a influência significativa de pessoas-charneiras: seu irmão mais velho e sua orientadora de iniciação científica. Cada um deles, em sua dimensão – familiar, afetiva, acadêmica – ajudou a ladrilhar os caminhos de Maria. Junto com as pessoas, houve momentos charneiras. No terceiro período, quando a maioria da turma reprova e ela é aprovada em uma disciplina importante. No mesmo período, ela se nega a ficar com a parte mais fácil do conteúdo e exige que seja feito um sorteio para a apresentação do mesmo. E no quinto período, como bolsista de iniciação científica.

Durante esses momentos, percebe-se as estratégias utilizadas por Maria. Ela é aprovada numa prova objetiva e seus méritos acadêmicos se destacam; da mesma forma, ela supera a designação do pai de não enfrentar ninguém e se impõem por seu caráter firme e sólido, igualmente apreendido pelo pai, e rejeita ficar com a parte mais fácil do conteúdo, negando-se a ser a mais fraca. Subliminarmente Maria diz aos colegas que quer ser valorizada aos olhos dos outros e se coloca como sujeito da ação. Rejeita ser *outsider* e luta para ser estabelecida. Tenta deixar de ser a “estranha no ninho”, a estigmatizada, para pertencer ao grupo estabelecido.

## **O processo de conclusão do ensino Superior e inserção no mundo do trabalho**

E a menina pobre que não tinha emprego garantido, começou a se destacar nos estudos e os colegas foram procurá-la com seus carros, em sua casa, para ela ajudá-los em seus trabalhos na faculdade. Ela mantém a postura simples e dócil apreendida pela mãe. Inicialmente se nega a ajudar os colegas, alegando que não sabia. Mas, com a insistência, ela ajuda, mas não aceita pagamento: “eles queriam pagar e eu não queria porque acabava confundindo porque as vezes as pessoas pensam que você está “fazendo” a monografia e eu não gostava disso. Mas eu contribuía porque eu gostava de contribuir e aí eles foram se aproximando.” Depois, muitas pessoas chegavam pra mim e disseram que elas não acreditavam em mim. Uma pessoa me disse isso: “Maria, eu achava que você não ia passar do segundo período. Hoje você está aqui e eu admiro você, eu acho que é importante”.

A apresentação da monografia e a formatura foram momentos que selaram a transformação vivida dentro do curso. No dia da apresentação do trabalho de conclusão de curso, estavam quase todos os colegas presentes na sala. E, na formatura, os colegas perdoaram sua dívida e ela passou a pagar quando tinha condições (através da bolsa recebida) e foi muito emocionante, porque ela reuniu todas as pessoas significativas em sua vida: “todo mundo veio, meu pai, todo mundo chorando, minha orientadora de iniciação científica estava lá. Foi muito bom. Muito difícil”.

No início da carreira ainda havia pedras no caminho. Ela narra que teve vários concursos no ano anterior da formatura e no ano que terminaram o curso foi um período de eleições. Ela expressa assim a angústia vivida naquele momento: “Pronto, vou ficar sem fazer concurso, sem trabalhar”. A angústia aumentava quando ela ouvia dos colegas que eles tinham emprego garantido, além de terem carro, moto. Então, quando faltavam dois meses para a formatura e todo mundo dizendo que estavam com seus empregos garantidos, seu pai lhe dizia: “minha filha, não se preocupe, Deus providencia”.

Então, aconteceu uma seleção na Santa Casa. E Maria “balançou”: “Não estou estudando, não vou fazer”. Mas, segundo ela, sofreu pressão das pessoas para se submeter à seleção. Foi aprovada, tirou o primeiro lugar e começou a trabalhar dois meses antes da formatura e antes de todos os colegas que diziam que estavam com o emprego garantido. Já trabalhando na Santa Casa, ela conta que: “O meu chefe na Santa Casa me chamou, disse que viu meu trabalho durante esses dois anos e me chamou pra coordenar o serviço, e, hoje elas estão ainda mais espantadas, em contrapartida, as pessoas hoje me respeitam, mas ainda há preconceito”.

Durante a entrevista para emprego na Santa Casa, Maria “fecha o círculo” formativo entre os valores apreendidos pelo pai (e a família) e o ambiente de trabalho que passou a assumir posteriormente. Vejamos: “Aí as pessoas na hora da seleção de candidatos na Santa Casa me perguntaram quais eram meus planos. Eu disse que minhas coisas são à longo prazo, não sou imediatista. Eu contei na entrevista da Santa Casa uma história do meu pai. Eu estava de baixo de uma mangueira, comendo uma manga e meu pai chegou na hora e disse assim.

Olha minha filha, essa mangueira eu plantei faz muito tempo, você era bebê ainda quando eu plantei e agora você já está comendo a manga. Vamos plantar ali algumas coisas. Eu disse, pai pelo amor de deus, se acha que eu vou plantar para esperar pra daqui a dez anos. Aí ele sentou e deu uma lição. Olha, aqui na roça eu planto

muita cana-de-açúcar pra colher com dois anos, você tá querendo colher no dia seguinte? E disse coisa. Ai a gente foi plantar cana com ele – horrível plantar cana – e aí ele dizia assim: daqui a dois anos eu vou colher. Ai, meu pai, daqui a dois anos tem que ter muita paciência. Menina, com é? Dois anos tá aí, daqui a pouco tá aí. Depois de dois anos, ele disse, é o pessoal que disse que dois anos era muito, era longe, tá os dois anos, já se passaram. Toda vez era a lição.

Durante uma conversa com a colega de trabalho, Maria comenta com indignação que depois de toda essa história, de toda uma vida de esforço, as pessoas ainda perguntam quem a colocou na Santa Casa. Durante uma conversa com uma colega, ela disse que estava enfrentando muitos problemas no ambiente de trabalho porque era recém-formada e estava enfrentando problemas grandes de administração. Para sua surpresa, sua colega respondeu assim: “Bem, você vai enfrentar muitos problemas mesmo Maria. Primeiro, porque você é negra. Segundo, porque você tem o cabelo ruim (a gente almoçando!) e na Santa Casa você é vista como uma enfermeira que é protegida”.

Nesse momento charneira, Maria conta que, pela primeira vez na minha vida conseguiu responder à alguém: “Eu não aceitei. Naquele momento, eu fiquei muito chateada. Aí eu disse você é minha amiga, mas você não conhece o meu trabalho. Eu estou na Santa Casa há dois anos e são dois anos de muita dedicação. Preconceito. E isso eu sei que vou enfrentar sempre, na minha vida inteira. Ainda é assim, as pessoas me falam isso”.

No final de seu percurso acadêmico, Maria enfrenta preconceitos que em certos momentos são indiretos e em outros são diretos. Quando sua colega pergunta espantadamente como ela conseguiu chegar onde chegou, ou seja, como ela conseguiu concluir um curso seletivo e se inserir no mercado de trabalho antes dos colegas estabelecidos, verifica-se uma admiração velada que na verdade expressa um preconceito na forma da indagação. Fica subentendido que a colega quis perguntar como Maria deixou de ser *outsider* para se transformar em estabelecida. Então, Maria expressa seu conflito interno, de se sentir como *outsider* mesmo tendo atingido o *status* de estabelecida.

## Conclusão

Hoje, eu olho pra trás e vejo que tudo é possível, as coisas são possíveis, basta a gente acreditar, a gente ter um foco. Acho que atribuo (a minha conquista) ao incentivo da família, hoje em dia, muitas pessoas não têm esse incentivo. Eu estou feliz, muito feliz porque eu consegui dar a volta por cima, graças a Deus! Foi muito difícil... (Maria).

Com esta fala de Maria, concluímos que o processo de formação recebida de seus pais formou seu caráter, sua personalidade, no contexto do campo. O acesso ao Ensino Superior se deu devido à solidariedade na família, através de valores tais como, ruptura com a cultura local, disciplina, perseverança, desejo de lutar, meiguice. Então, a força de superação que ela narra vem da formação vinda das experiências na infância.

Na permanência no Ensino Superior, Maria sofre preconceito e discriminação, mas, ao mesmo tempo, inicia seu processo de mudança de *status* de *outsider* para estabelecida. Na dialética do enfrentamento de situações preconceituosas e discriminadoras entre

colegas e professores elitizados-estabelecidos, Maria se apóia em seu caráter formado com valores sólidos, no apoio recebido da família, principalmente do irmão mais velho que torna-se um segundo pai em Sobral e de professoras do curso que possuíam outro olhar.

Na conclusão do Ensino Superior, Maria não perde a transição entre o término do curso de Enfermagem e a inserção profissional como enfermeira na Santa Casa. Com esse fato, Maria cresce aos olhos de seus colegas e professores porque contrariou o destino pré-estabelecido entre a menina pobre, negra, oriunda do campo e da escola pública e seus colegas estabelecidos e com emprego aparentemente garantido. Como Maria iniciou sua vida profissional antes de seus colegas, através de uma seleção pública e sem apadrinhamentos, ela dá um salto qualitativo para o grupo dos estabelecidos.

Na narrativa de Maria, verificamos como ela foi construindo sua trajetória de ascensão social de sucesso. Assim como, o processo de inclusão social por meio do Ensino Superior que permite mobilidade social.

## Referenciais

BAUER & JOVCHELOVITCH. Entrevista narrativa. In BAUER & GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Trad. Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BISSERET, N. A ideologia das aptidões naturais. In: DURANT, J.C.G. (Org.). **Educação e hegemonia de classe: as funções ideológicas da escola.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.

CATTANI, A.M & OLIVEIRA, J.F. A educação superior. In: Oliveira, R.P & Adrião, T. (Orgs.). **A organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição federal e na LDB.** São Paulo: Editora Xamã, 2002.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Lisboa: Educa, 2004.

OLIVEIRA, Andrade Dalila. A gestão democrática da educação no contexto da reforma do estado. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto & AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Orgs.). **Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos.** São Paulo: Cortez, 2006.

PASSOS, G.O & PEREIRA, S.C. Desigualdade de acesso e permanência na universidade: trajetórias escolares de estudantes das classes populares. In: **Linguagens, Educação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI.** Ano 12, n.16, jan/jun. 2007.

PORTES, E.A. Algumas considerações culturais de trajetórias de estudantes pobres no ensino público: o caso da UFMG. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – RBEP.** Brasília: INEP. Ministério da Educação, no.216, v.87, maio/agosto, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa & FILHOS, Naomar de Almeida. **A universidade do século XXI: para uma universidade nova.** Coimbra: Ed. Almedina, 2008.

WELLER, Vivian. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de entrevistas narrativas segundo Fritze Schütze.  
[www.anped.or.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT14-4741--Int.pdf](http://www.anped.or.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT14-4741--Int.pdf)